

Antropo — icono(____), semio(____): fagias na comunicação¹

Samir GID²

Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO

Resumo

Este texto é uma provocação às formulações teórico-metodológicas de base antropofágica no campo da comunicação, ainda escassas. O cerne da discussão são as definições do conceito de devoração, assim como suas implicações e sentidos na comunicação. O objetivo é refletir de maneira ensaística acerca de dois usos da antropofagia: a iconofagia e a semiofagia canibal, ambas como conjunturas e processos de significação. Pretende-se assim aventar a extrapolação das premissas e objetos da iconofagia e da semiofagia canibal — a imagem e o signo — em direção ao cosmos.

Palavras-chave

antropofagia; comunicação; devoração; iconofagia; semiofagias canibais.

Introdução

Este texto é uma tentativa de contribuir às formulações teórico-metodológicas de base antropofágica no campo da comunicação, ainda escassas. À luz de que a devoração é “a matriz da filosofia oswaldiana, na medida em que ela é o gênero do qual a Antropofagia é uma espécie” (Viveiros de Castro, 2022, p.20), o cerne da discussão são as definições do conceito de devoração, assim como suas implicações e sentidos na comunicação. O objetivo é refletir acerca de duas noções: a iconofagia (Baitello Junior, 2014) e a semiofagia canibal (Machado, 2024), ambas como conjunturas e processos de significação.

Pretendo assim aventar a extrapolação, senão argumentar a favor da generalização, das premissas e objetos da iconofagia e da semiofagia canibal — a imagem e o signo. Em outras palavras, busco lembrar o fato de que a própria antropofagia possui um aspecto cósmico e nos permite especular toda a vida como comunicação, e a comunicação por sua vez como “devoração pura” (Revista de Antropofagia, 1928, s. p.).

O caráter ensaístico deste texto deixa patente suas limitações, de modo que não busca discutir o tema de maneira sistemática, rigorosa e tampouco exaustiva. É, pelo

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor da Rede Estadual do Paraná, pesquisador bolsista DTI-B do CNPq, Mestre em Comunicação (UFPR), Especialista em Antropologia Cultural e membro do MiDI (UNIR/CNPq).

contrário, uma breve sugestão e destaque de que algumas teses e notas de Oswald de Andrade podem ainda servir àqueles que se interessam por suas formulações selvagens ou ser convenientes para aqueles que pesquisam interfaces contemporâneas da comunicação com sistemas abertos, ecológicos e/ou antropomórficos.

Antropo—fagia

De acordo com Beatriz Azevedo (2018), o *Manifesto antropófago* é e pode ser lido como um palimpsesto. Isto é, mais do que declaração coletiva de princípios e intenções, cruzamento de teoria e conjuntura, trata-se quase de um agente, dotado de polifonia e sincronia por parte de todas as figuras e conceitos que o atravessam. Logo, compreendo aqui a antropofagia como se popularizou chamar, depois de Umberto Eco, de obra aberta. Mas, mais do que isso, também como tese transdisciplinar.

Assim é, e foi. Nas letras a antropofagia já foi discutida e interpretada de diferentes maneiras por autores das mais diversas correntes de pensamento. De modo geral, em todos os autores ela figura, contudo, como tentativa de resgate histórico e primitivo ou como projeto utópico brasileiro, desde da literatura ou da tradução literária (Azevedo, 2018). Já na filosofia há a tentativa de alguns autores de inserir a antropofagia em seus seminários, colóquios e cadeiras — Pensamento filosófico no Brasil, Filosofia brasileira etc (Ceppas, 2014). isto é, pôr Oswald na mesma prateleira que Arthur Giannotti, Vilém Flusser e entre outros. Isso sem falar na antropologia.

Contudo, deve-se ponderar o fato de que: “apesar de o texto ‘Manifesto antropófago’ em nenhum momento postular uma oposição entre o nacional e o estrangeiro, tal interpretação se tornou um lugar-comum difícil de desconstruir” (Nodari, 2024, p. 26); e sendo assim, não discute “brasileiros ou latinos que comem europeus”, e sim “homem que come homem” (Rocha, 2011). Não à toa, segundo Nodari (ibid, p. 27), Oswald deixou, antes de falecer em 1954, “um apelo a todos os estudiosos”, para que considerassem “o seu sólido conceito da vida como devoração” e levassem “avante toda uma filosofia que está para ser feita [sic]”.

Por outro lado, a tal filosofia para Sztutman, “embora tenha gerado *insights* instigantes, ao buscar transpor seus manifestos para teses acadêmicas [emaranha-se] num mar de teorias por vezes desconexas”. Para ele, seria a figura do antropólogo

Eduardo Viveiros de Castro o “[re]encontro” ao registro antropofágico (2007, p. 12-13, grifos meus), e o perspectivismo ameríndio, o seu acerto de contas — palavras minhas.

Trago, então, para a base desta discussão um texto de Oswald, datado de 1930, com notas de 1946 e 1950, e inédito até 2022: *A antropofagia como visão de mundo* (AVM), bem como as considerações de Viveiros de Castro sobre as questões trazidas pelo autor.

O texto, escrito durante a experiência marxista do autor, tem ainda, contudo, a presença de fundamentos vitalistas e genealógicos de Nietzsche, que tanto o influenciou em 1928 e 29, durante a formulação do *Manifesto* (Azevedo, 2018). Já as alterações e notas registradas nos anos 1940 para 50, provavelmente devem-se às suas leituras sobre fé, moral e sociedade naquele momento — Georg Simmel (forma), Kierkegaard (apofática), Max Scheler (ressentimento e moral) e Stirner (o único), além de Wilhelm Dilthey e Jaspers. Aqui “Oswald funde um idealismo conceitual de matriz hegeliana e uma fenomenologia das derivas comportamentais do homem diante de sua condição, das sociedades e mesmo do cosmos” (Pinto, 2022, p. 15-16).

Se em seus trabalhos mais acadêmicos e proeminentes sobre a antropofagia, *A crise da filosofia messiânica* (1950) e *A marcha das utopias* (1966), Oswald teoriza o matriarcado de pindorama — sua utopia antropofágica — através da exposição dialética, cuja síntese é o homem natural tecnizado, em *AVM*, ele adota a perspectiva amedrontadora da devoração a partir do segundo momento, a antítese: o homem técnico.

O homem técnico, patriarcal, é a justa oposição do “homem do Equador”. Localizado ao Norte, coligindo a “aventura” espiritual do Ocidente e do Oriente, está, por motivos religiosos e antropológicos, tipicamente esgotado. A proposta do autor é, portanto, explicar o porquê e seus pormenores não pelas vias positivas de seu matriarcado imaginado, mas pela própria negatividade do Deus que foi trazido por esse homem à América (Andrade, 2022).

Na perspectiva antropofágica, Deus é a contradição do patriarcado, o próprio Contrário que o conduzirá à decadência. De Kierkegaard e Nietzsche, vem o juízo de que a fé, as religiões e o sacerdócio são uma aceitação e organização do absurdo, ao ponto em que as grandes navegações globalizaram o movimento de conquista, da Ordem Templária até o Império Mongol. Ainda segundo Oswald, Deus é a morte

enquanto negação da vida e, ao mesmo tempo, a perpetuação “hereditária”, o “simulacro” e o “estado sucessivo” de “uma força mestra que desapareceu”. Por conseguinte, os “organismos coletivos são apenas a hierarquia de uma aventura pessoal”, que “vem a constituir casos anômalos de loucura organizada” (2022, p. 538).

Viveiros de Castro constata que este momento, “não mais um momento superável, mas imanente — como a morte”, coroa “o tempo como devoração” (2022, p. 14). Para Oswald, além da perene materialidade e loucura de Deus, a nova força impositiva das utopias capitalistas e socialistas promoviam a disputa de forças de vida e morte naquele momento. Todas estas, contudo, seriam forças de morte, ou melhor, um tipo específico de devoração. Daí a provocação:

Por que então dar a essa constância delitual o seu aspecto condenável e não reconhecer, depois de tanta experiência falhada, que o próprio rendimento terreno se proporciona com a expansão temerária do indivíduo em torno de atos biológicos como o assassinio, a conquista, o roubo, o amor e a guerra? Contra essa lei da constância antropofágica, não há repulsa sofisticada possível (Andrade, 2022, p. 532).

Isto é, não há utopia possível, sequer matriarcal, sem uma escatologia imanente, sem a devoração em estado puro — à nível celular ou universal: “nessa eterna cosmoquímica em que só as consciências se substituem, mas cujos elementos são o mesmo fundo de permanência [...] o presente e a eternidade se confundem num jogo sem fim” (Andrade, 2022, p. 538).

Dito isso, fica evidente e mais complexo, porque ambíguo, o aspecto transvalorativo (*Umwertung aller Werte*) da antropofagia e do mau selvagem, que antes remetia, respectivamente, apenas a Nietzsche e Montaigne. A devoração, logo, é também um conceito contra-escatológico. Sobre a antropofagia, o poeta arremata: “era o sentido devorativo da vida exercido pelo homem na própria carne do homem [...] Era o ritual filosófico dos estados tribais” (Andrade, 2022, p. 517-518). E o antropólogo minucia:

é a manifestação antropológica da categoria ontológica da devoração, isto é, da fome universal. [...] menos a um ser-para-a-morte do que a consciência de que toda a vida, a começar pela própria, se paga com a morte de outrem: com a necessidade de matar para comer e de comer para viver. [...] Talvez, portanto, a atuação do princípio da devoração se deva não tanto ao fato, inegável, de que *nossa* vida está

indissolivelmente ligada a *nossa* morte, mas sim à morte de *outrem* (Viveiros de Castro, 2022, p. 16, grifo do autor).

Sobre a devoração vale ainda explicitar que, sob este ponto de vista, a antropofagia cerimonial provocava a sensação de “periculosidade da vida”, e que dela vinha a compreensão da alteridade” (Andrade, 2022, p. 79). Ou seja, a humanidade e a própria vida como relação com o inimigo étnico são resultados do sentido da devoração universal; continuidade de um (in)fundamento moral cósmico que não se apresenta; ou ainda a metáfora da inimizade essencial do demiurgo.

Esse gesto tenderia e consolidaria a técnica, o patriarcado e a morte senão houvesse um inerente sentimento lúdico, completando um “contraponto agressividade-cordialidade” (Andrade, 1978). O ludismo é o gesto criativo e próspero da antropofagia que pode e deve se combinar à técnica. Ele reflete o equilíbrio entre o assassinato e a “‘saudação lacrimosa’ de um hóspede pelas mulheres da aldeia [...] agonismo e aliança” (Nodari, 2024, p. 27, grifos do autor).

Icono—fagia

A iconofagia, conceito desenvolvido por Norval Baitello Junior ao longo de duradouros debates no GT de Comunicação e Cultura da Compós, assim como no grupo de pesquisa CISC, da PUC-SP, foi explorado em seu livro homônimo. O autor parte da crítica, nas palavras de Dietmar Kamper, à ocidentação, operacionalizando as noções flusserianas de imagem técnica e de funcionário, para construir uma conjuntura apocalíptica dos meios, fundamentada em Günther Anders. O seu objetivo é afirmar a disputa midiática entre a cultura das imagens e a dos corpos (Baitello Junior, 2014).

À cultura das imagens se atribui a virtualidade, a repetição das imagens técnicas e o sentido da visão. Já à cultura dos corpos, todas as imagens restantes que constituem o corpo — acústicas, olfativas, gustativas, táteis, proprioceptivas. O problema, contudo, é que elas disputam nossa experiência e pensamento do presente através de estímulos. E em um mundo globalizado, o ônus das imagens é tão perigoso quanto previsível: não há oikos, apenas eco (Baitello Junior, 2014).

Tendo a antropofagia como premissa, Norval busca explicar a natureza das imagens no corpo e no ar. Para isso divide a distribuição e a mediação das imagens em iconofagia pura e impura. A primeira leva em conta as imagens endógenas, produzidas e

processadas pelo pensamento e pelos sentidos humanos, de modo que decorre e se replica do juízo às coisas. A segunda, impura, se caracteriza pela “proliferação indiscriminada e compulsiva de imagens exógenas” e pela “compulsão exacerbada de apropriação” (Baitello Junior, 2014, p. 91). Ela sequer envolve as coisas, mas sim suas cópias, as imagens das coisas. Trata-se, precisamente, de corpos tridimensionais que devoram imagens até nulodimensionais em quantidade cada vez mais assustadora. Doravante, alimentar-se de cópias significa alimentá-las, ou melhor, conferir-lhes um corpo, o seu. “Significa entrar dentro delas e transformar-se em personagem [...] ao contrário de uma apropriação, trata-se aqui de uma expropriação de si mesmo” (Baitello Junior, 2014, p. 91-92).

Se a antropofagia cerimonial como devoração do corpo e da imagem do corpo é um exemplo puro para Baitello, logo, o fato de que hoje são as imagens *quem* devoram o corpo, a impureza respalda a noção de “antropofagia zumbi”: a metaexpressão narcísica do capitalismo neoliberal de apropriar/devorar para reformar ao invés de criar (Rolnik, 2021). Mais do que isso, todavia, dá contornos contemporâneos ao segundo momento do qual fala Oswald.

Quando falamos do consumo e de consumir imagens, falamos em um sentido ativo (consumir) e passivo (consumo) para o verbo, de modo que a iconofagia não só possui polos opostos, como também simultâneos e ambíguos. “As palavras consumir e consumo têm como etimologia: a) devorar, esgotar, destruir, ou b) morrer, acabar, sucumbir” (Baitello Junior, 2014, p. 53; 91). O autor endossa, então, os passos de Flusser, Kamper e Harry Pross ao dar razão existencial à comunicação e às imagens. Ambas vêm do medo ou da consciência da morte.

Por medo da morte, principiamos, no alvorecer da hominização, a produzir imagens dos mortos. Por medo das imagens da morte passamos a acelerar a produção das imagens, no intuito de afastar ou recalcar a vivência da própria morte. Tais imagens em proliferação exacerbada nos remeteram ainda mais às recordações da morte. Para fugir desse destino, as imagens passaram a se superficializar de tal forma que recordam tão somente outras imagens (Baitello Junior, 2014, p. 52).

Vemos assim que, a cópia, a mera imagem, é a presença de uma ausência e seu oposto, a ausência de uma presença. A imagem e a comunicação existem pelo mesmo

(in)fundamento que o totem e o tabu nas teses de Oswald: “a ideia universal do Contrário, universal na psicofatura de deuses, demônios ou espíritos” (2022, p. 536).

A diferença entre a morte para um e a periculosidade para o outro é que o matriarcado é sem fé, rei e lei. Ou seja, com um terceiro momento em mente, Oswald pôde especular uma estrutura social enquanto cadeia universal de devoração e transformação ao invés de uma hierarquia composta por originais e cópias. Se para o antropófago só me interessa o que não é meu, não interessa que o estatuto da imagem ou do outro seja de cópia, tampouco que a cópia o devore. A devoração nunca assegurou que qualquer um dos termos da equação, seja o eu ou o outro, fosse autêntico e estável. Pelo contrário, o seu foco está “não tanto o ‘eu’ e o ‘outro’, o ser e o não ser, mas [sobre] aquilo que os relaciona e possibilita, o *entre-ser*, o ‘inter-esse’” (Nodari, 2024, p. 28, grifo do autor).

Neste caso, o devir-imagem dos corpos e o devir-corpo das imagens que decorre da reproduzibilidade não implica, necessariamente, na conformidade ontológica vazia. O fato de que a imagem pode parecer antropomórfica, significa que possui, além de repetições, diferenças. Significa que as imagens, apesar de serem quase-coisas assustadoras, podem se transformar em coisas aptas a alianças. A verdadeira questão, portanto, seria criar formas eficientes de se relacionar com elas.

Semio—fagia

As semiofagias canibais são uma teorização conceitual-pragmática formulada por Ricardo de Jesus Machado em sua tese de doutoramento em comunicação, defendida em 2021 na UFRGS. Ela pode ser entendida como a adequação do perspectivismo ameríndio ao estudo da comunicação e da semiótica. Seus fundamentos são o multinaturalismo, proposto por Viveiros de Castro, e a semiosfera, de Yuri Lotman. Já seu empreendimento consiste na produção de uma imagem selvagem do nosso pensamento domesticado através do estranhamento.

O estranhamento pousa sobre o fato de que “o que as coisas são não depende de um substancialismo, mas de um relacionismo” (Machado, 2024, p. 104). Em outras palavras, “propõe desautomatizar, não somente os modos de produção de sentidos, mas as formas antropocêntricas de semiotizar” (Ibidem, p. 208). Machado justifica essa teoria ao afirmar que a comunicação passou a desempenhar um papel urgente e

importante na conciliação de diferentes humanidades, formas de conviver e habitar. Assim, analisar os tipos de códigos culturais mobilizados permite “saber quem é o humano da relação”, quem “assume o primado da significação de uma dada relação” e “ponderar semioticamente como a cultura pode ser semiotizada em outras naturezas” (p. 105; 107).

O autor adverte que “o canibalismo não é mero complemento retórico, mas a condição cosmológica e intelectual sem a qual as SCs não são possíveis” (2024, p. 119). Ele toma por princípio, destarte, o pensamento e a experiência perspectivista-antropófago indígena, de modo a adotar a figura do inimigo, e não o amigo, como contexto do pensar filosófico. Isto posto, ele afirma, como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Viveiros de Castro, a produção de um antinarciso e uma temporalidade coletiva a partir da relação: se é pelo olhar do inimigo.

A comunicação funciona nesse esquema, então, como práxis tradutória dos pontos de vista e dos conceitos que circulam em outras semiosferas, de outras humanidades. Ela “possibilita que algo anteriormente visto como potencialmente incomunicável, torne-se comunicável” (Machado, 2024, p. 109). Traduzir, entretanto, é sempre trair. A traição é o equívoco intrínseco à qualquer transformação de sentido, por mais que o significado seja o mesmo do termo nativo. “Diferente do pensamento predicativo hegemonizado, o sentido [equívoco] afirma os dois termos da significação sem opô-los”, também não reduz a multiplicidade de perspectivas às formas antropocêntricas de pensamento (Ibidem, p. 116, grifo meu).

O que podemos ver aqui é o fato de que a postulação acerca do equívoco, ou como o autor o apropria, chamando-a de semiofagia, é, assim como a antropofagia oswaldiana e da iconofagia, “uma gigantesca metaforização oral do universo” (Andrade, 2022, p. 17). Ao invés da carne e da imagem, devora-se o signo, condena-o à morte para lhe conceder a vida. A máxima ambivalente do *Manifesto*: transformar o tabu em totem.

Esta correspondência entre devoração e equívoco se estende até as bases filosóficas e etnográficas de Viveiros de Castro, que elabora o perspectivismo ameríndio e o conceito de aliança intensiva, ou comunicação transversal, através da cismogênese de Gregory Bateson e de um pensamento comunicacional não-sistematizado em Deleuze (Moreira, 2024).

Para Deleuze e Viveiros de Castro, o signo é o meio visível que surge da disparidade entre alteridades e que, violentamente, gera sentido através da ruptura, forçando o pensamento a pensar. O signo, por sua vez, vêm daquilo que Deleuze chamou e tampouco elaborou ao longo de sua obra: o precursor sombrio, o agente que coloca em relação elementos absolutamente distintos (Araujo, 2020).

De um ponto de vista pós-estrutural, a antropofagia funciona como o xamanismo, ela é uma prática cósmica cujo fundo é a guerra ontológica entre humanidades. O seu fim é a estabilização intensiva da predação, mas a cismogênese, i. e. a violência e a transformação jamais desaparecem (Moreira, 2024). Na verdade, é o precursor sombrio que pode desaparecer, se é que já não o fez como “uma força mestra”. Neste sentido, não resta dúvida de que o precursor sombrio é a fome universal, a fome do que tem vida — pessoas, imagens ou signos.

Considerações

Como toda boa obra ou teoria precisa sair das mãos de seu autor, não é diferente com a antropofagia. A antropologia, a filosofia e os estudos literários já sabem disso. Meu ponto foi, portanto, demonstrar as qualidades e aspectos cósmicos e negativos da antropofagia, ainda pouco explorados na comunicação. Meu argumento se deu através de breves comentários ao uso teórico e conjuntural do termo comunicação na iconofagia e nas semiofagias canibais, teorias nem esgotadas e nem em desuso. Acredito que, assim como a antropofagia não é algo pronto e se constitui a partir de discussões vindas dos mais variados campos e disciplinas, a comunicação também pode se beneficiar de certa — a sua — heterodoxia.

Pressupondo que, como diz Baitello, pensar a comunicação hoje exige a responsabilidade de sonhar também os pesadelos e seus monstros de luz, devemos também repercutir, segundo Ricardo Machado, o fato de que à medida reconhecemos a perspectiva outrem como possível, tornamo-nos capazes de especular (extra)mundos.

O que parece um retorno (in)fundamental da filosofia ao medo ancestral que é a devoração, reafirma o elo, desta vez ambíguo, entre o comunicar para apocalípticos e integrados. Sobre o que faremos com a traição, a automatização e a violência, que não é física, moral ou jurídica: talvez Benjamin, Bataille e Jean-Luc Nancy possam nos

ajudar. Pode ser que o medo e a periculosidade do outro devam ser compreendidos como divinos, sagrados e alegres.

Referências

- ANDRADE, Oswald. A antropofagia como visão de mundo [1930] In: PINTO, Manoel da Costa (org.). **Diário Confessional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, pp. 511-549.
- ANDRADE, Oswald. **Do pau-brasil à antropofagia e às utopias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ARAUJO, André Corrêa da Silva. **Deleuze e o problema da comunicação**. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2020.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.
- AZEVEDO, Beatriz. **Antropofagia – palimpsesto selvagem**. São Paulo: Sesi, 2018.
- CEPPAS, Filipe. Oswald de Andrade e a Cinepoética Antropófaga. **Ensaio filosóficos**, V. 10, 2014.
- MACHADO, Ricardo de Jesus. Semiofagias canibais: da humanidade relacional à diferOnça. in: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do. (orgs.). **Construções transmetodológicas na pesquisa em comunicação**. São Paulo: Pimental Cultural, pp. 102-125, 2024.
- MOREIRA, Samir Gid Rolim de Moura. A comunicação nas metafísicas canibais e no perspectivismo ameríndio. **Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 17, n. 1, 6 jan. 2025.
- NODARI, Alexandre. “A vida é devoração pura”: antropofagia, entre-ser e o horizonte anticolonial. In: ITAÚ CULTURAL (org.). **O Oswald** - catálogo da mostra Ocupação Oswald de Andrade. São Paulo: Itaú Cultural, 2024.
- PINTO, Manoel da Costa. Apresentação. In: **Diário Confessional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, pp. 7-19.
- ROCHA, J. C. de C. Uma teoria da exportação? In: RUFFINELLI, Jorge; ROCHA, J. C. de C. **Antropofagia hoje**: Oswald de Andrade em cena. São Paulo: É realizações, 2011. p. 647-668.
- ROLNIK, Suely. **Antropofagia Zumbi**. São Paulo: n-1 edições/Hedra, 2021.
- SZTUTMAN, Renato. Apresentação. In: **Encontros (entrevistas)**. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O matriarcado e o antropófago quase-transcendental**. [mimeo], 2022.